

CAPITALISMO, DISCURSO DIRETO VOLTADO AO OBJETO

Martha L. A. Pimenteira

Doutoranda em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Mestra em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

m.pimenteira@gmail.com

RESUMO

Este artigo faz uma leitura crítica do capitalismo na atualidade pelo ponto de vista psicanalítico. Toma-se como base a teoria dos discursos elaborada por Lacan (1969-1970). O objetivo é mostrar como pela subversão de lugares no discurso o sujeito troca de lugar com o objeto. Discute-se a mutação subjetiva empreendida pela lógica deste discurso individualista e instrumentalizador, e seus efeitos devastadores que operam no processo de extrair mais-valia a qualquer custo. Por meio da análise da lógica do mercado, no lugar de S1, agente dominante, examina-se o desempenho e o papel deste como tirano pós-moderno. Sendo seu porta-voz, o discurso capitalista que promove um frágil império de gozo no mundo global, pela institucionalização do objeto a como mais-de-gozar. Conclui-se, então, que Lacan confrontou o discurso capitalista, pela via da acumulação, com o discurso analítico pela via da perda estruturante do humano.

Palavras-chave: Quatro discursos. Discurso capitalista. Sujeito. Gozo com o objeto.

ABSTRACT

This article conducts a critical reading about the capitalism nowadays under the psychoanalyst point of view. It is based on the theory of speech developed by Lacan (1969 – 1970). It aims to show how, through the subversion of speech places, the subject change places with the object. It is discussed the subjective mutation undertaken by the logic of this individualist and instrumentalist speech, and the devastating effects that occur in the process of extracting the surplus value at any cost. Through a logic analysis of the market, in the place of S1 – dominant agent – we examine its performance and its role as a post-modern tyrant. Being its spokesperson, the capitalist speech promotes a frail empire of joy in the globalized world by the institutionalization of the object as *surplus enjoyment*. It is concluded, then, that Lacan confronted the capitalist speech, in what concerns the accumulation, with the analytical speech, in what concerns the human structural loss.

Keywords: Four speeches. Capitalist speech. Subject. Jouissance.

1 INTRODUÇÃO

*Às vezes ouvia palavras estranhas e loucas da sua própria boca.
(Clarice Lispector)*

O mercado tem-se oferecido como lugar privilegiado pelo qual se pode observar, concretamente, o funcionamento do social sob a coerção de um capitalismo totalizador – o neoliberal. A onda de conformismo voluntário generaliza-se, hoje, pela internalização dos valores liberais que confundem, no senso comum, democracia com monopólio do capitalismo. Enquanto isso, aprofundam-se as desigualdades econômicas, a transformação das instituições públicas em organizações empresariais e a fragmentação de todas as esferas da existência, incluindo-se, aí, o psiquismo.

A dispersão espaço-temporal do trabalho, cada vez mais precário e repetitivo, destrói referências balizadoras do sujeito; e restringe o uso de nossas energias à mera luta por sobrevivência impactando no processo de constituição do sujeito. Neste contexto racionalizante, até as relações afetivas tendem a adotar a lógica de mercado em detrimento de qualquer transcendência – lugar do terceiro. O dinheiro buscado insaciavelmente vai tornando-se o equivalente de todas as coisas, reduzindo a vida ao plano econômico. Essa desmedida (*hybris* de uma razão que é atributo exclusivamente humano) e a ideologia da competitividade reenviam-nos à pulsão de morte, descoberta por Freud, pela via do empuxo ao gozo, força concreta investindo contra o princípio do prazer.

O capitalismo sustentado, agora, na tecnociência, com seu acúmulo de inovações e sua lógica de completude, está indo além do utilitarismo clássico dando primazia à objetividade, à tentativa de homogeneização do mundo, prescindindo do sujeito e da singularidade. Transforma a sociedade em rede móvel e efêmera de organizações particulares, e nessa dinâmica, sobrepõe o imaginário, registro do objeto, ao real, desnodulando ambos do simbólico que se constitui como um fator essencial à experiência da humanização. Dessa forma, produz sujeitos expostos à ausência da lei do pai, isto é, da castração, dada como limite regulador do aparelho psíquico, inaugurando a chamada era da indeterminação.

Esse sistema promete acesso ao gozo narcisista a todos, sobretudo, apelando para um hiperconsumo compulsivo, que, longe de ser prazer, como se poderia pensar à primeira vista, é uma manifestação, dentre muitas outras, da pulsão de morte. O dinheiro assumiu no pensamento de Freud um lugar muito mais complexo do que aquele considerado pelos economistas, pois acon-

tece de ele possuir, também, uma função de tipo simbólica; isso quer dizer, cultural e subjetiva associada a poder, dominação, sexualidade e morte.

Pergunta-se a partir daí: por que os homens tendem a acumular, compulsivamente, objetos muitas vezes inúteis? Freud aponta a origem de tal comportamento, bastante específico, no erotismo anal; portanto, este se encontra no fundamento de uma neurose em que dinheiro e fezes se relacionam no inconsciente como é patente em alguns mitos e na literatura popular. As fezes, afinal de contas, aparecem como a primeira produção e presente ofertado pelo bebê aos entes queridos, seus primeiros outros.

O prazer da posse do dinheiro contém um elemento irracional, em que o inconsciente desempenha seu papel, servindo para caracterizar o capitalismo em seu lado obscuro. Para confirmar tal afirmação, é suficiente, por exemplo, ler as obras de historiadores como Fernand Braudel e Erick Hobsbawm. Ali eles descrevem a exploração e dilapidação feita no mundo pelo capital em busca da extração do mais valor. O aspecto da irracionalidade inerente a este sistema econômico, também considerado um discurso (tema desenvolvido em seguida), foi elaborado por Ferenczi (1978) nos seguintes termos:

O caráter libidinal e irracional do capitalismo é irreduzível a uma pura finalidade prática, se traída igualmente destas etapas: colecionar é para criança um fim em si, um ato que ela procura, uma alegria sem mistura. Para ela, a pulsão capitalista contém, portanto... uma composição egoísta e uma composição anal erótica. (FERENCZI, 1978, p. 102).

Considerando a referida dimensão simbólica, o dinheiro também assume uma participação relevante na cura psicanalítica. Quando se trata de “pagar” por sua cura, o sujeito é reenviado, com esse ato, ao princípio de realidade que subtrai, necessariamente, o gozo. Daí Freud ter considerado um tratamento subsidiado por outros ineficaz para um sujeito que precisa perder algo para acessar seu desejo.

2 QUATRO DISCURSOS FUNDAMENTAIS, QUATRO ESTRUTURAS

Uma crítica ao capitalismo a partir dos referenciais da Psicanálise leva-nos à noção de discurso em Lacan (1994), sistematizada no *Seminário XVII, o avesso da psicanálise e em Radiofonia* (LACAN, 2003). O discurso, evento de linguagem, instância de diálogo, encontra-se nessa teoria vinculado ao

gozo, pois a entrada em ação do significante é que o determina. Isso quer dizer, na perspectiva lacaniana: o caminho do gozo, pulsional que é linguageiro, só pode ser trilhado pela via do significante. Diante disso, Lacan (2012, p. 114) enuncia que “o discurso como tal domina o mundo”.

O aparelho psíquico, ou seja, a subjetividade contempla sentimentos, sexualidade, *pathos*, morte, inconsciente, relações com o outro; e seu funcionamento ocorre mediante duas lógicas simultâneas: uma do inconsciente, avesso da consciência, cuja estrutura é de linguagem e outra, a da consciência. Daí a Psicanálise adotar uma lógica do paradoxo para tentar dar conta da dupla regência do aparelho psíquico.

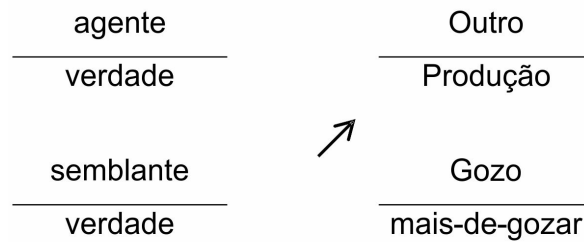
As leis universais da linguagem, nosso primeiro interdito, e a subjetividade, particular e intransferível, ao se articularem dialeticamente, na ocasião da saída do Complexo de Édipo, geram o efeito de clivagem entre enunciação (que aponta para o locutor) e enunciado. Essa referida duplicidade é explicada nos seguintes termos: “O discurso mantém uma dupla orientação, dirige-se ao objeto referencial da fala, como no discurso cotidiano, e simultaneamente, remete a um segundo contexto, ao ato de fala de um outro emissor.” (BAKHTIN, 1985, p. 462). Não é possível haver singularidade do sujeito sem o devido enodamento com a impessoalidade universal da estrutura linguística. Isso quer dizer com o simbólico, o Outro, nossa alteridade radical.

Na atualidade, com a hegemonia do capitalismo global, emerge uma virtualização do simbólico, que não se atualiza e, dessa forma, retrocede à mera condição de possibilidade gerando mutação do laço social. Isso nos convocou a refletir sobre a referida teoria lacaniana com o objetivo de desocultar os efeitos da realidade discursiva do capitalismo, sobre suas ações práticas sociais, concretas. Bem como nos impactos de seu funcionamento: tanto no sujeito quanto no processo mesmo da subjetivação em um contexto voltado, sobretudo, para a produção e para a mercadoria, reduzida ao valor de troca desligado dos seus sentidos secundários atribuídos pelas várias culturas existentes e seus contextos particulares.

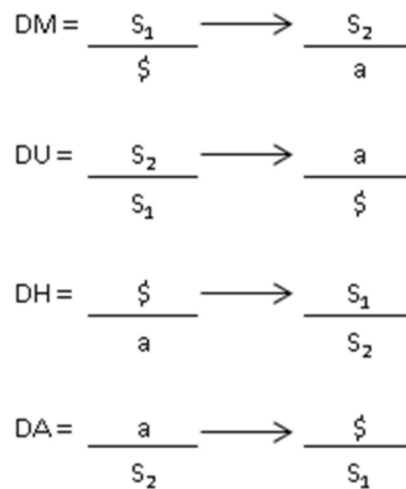
Partindo de dois pressupostos: mundo e sujeito são um no outro, e as leis balizam o sujeito, examinamos os princípios regentes dos discursos reguladores do modo de comunicação interpessoal cujos limites são demarcados. Também, o movimento pelo qual o quinto discurso teorizado, só depois, por Lacan, não pode produzir sujeitos barrados, mas na melhor das hipóteses, indivíduos atomizados, fechados, cada um na solidão de suas opções pessoais.

Martha L. A. Pimenteira

O discurso, como estrutura, é uma noção fundamental por possibilitar o reconhecimento das possibilidades limitadas de nos dirigirmos ao outro. É uma prática pela qual construímos o laço social que junta, cuja natureza é simbólica. Não existe laço, desse tipo, que não esteja inscrito na subjetividade. Lacan (1985, p. 90) assim o define: “O discurso é uma das três etapas da palavra, é a fala que inclui o outro.” Nessa mesma obra, ainda diz: “O discurso é uma cadeia temporal significante.” (LACAN, 1985, p. 179). Os seus lugares na teoria lacaniana são:



O semblante, a aparência, consta do lado do agente do discurso; e o gozo consta do lado do outro. Os quatro discursos são:



O discurso do mestre inaugura a subjetividade e, desse modo, está ligado ao mito de origem, pois a dupla $S_1 \longrightarrow S_2$ representa a divisão fundadora do sujeito. Segundo Lacan (1994, p. 82): “Ali, em determinado ponto de ligação, especialmente aquele, absolutamente primeiro, do S_1 ao S_2 , é possível que abra essa falha que se chama sujeito. Ali se operam os efeitos da ligação, no caso significante.”

O discurso universitário corresponde ao do mundo objetivado pela ciência que tem, atualmente, lugar privilegiado, superestimado e constitui-se como ideologia da supressão do sujeito, segundo Lacan (2003). O discurso da histérica é o do inconsciente em exercício, ele demanda do mestre a produção de um saber. O discurso do analista é o que faz semblante de objeto a para causar o desejo do sujeito, e, porventura, tirá-lo da sua impotência existencial.

Martha L. A. Pimenteira

Os quatro elementos constituintes são: S1, S2, \$ e objeto a. Os princípios que o regem são a castração e o recalque. Sua lei é a do quarto de giro no sentido horário; os quatro são solidários entre si, cada um deles gera um tipo específico de laço com o outro, sendo essa a garantia da dialética discursiva.

Tudo começa com S1, que marca a inscrição da falta, do falo, traço representante da representação porque toda realidade é linguística. Bobbio (2015, p. 63) explica essa função simbólica na sua especificidade: “Não se pode deixar de reconhecer, com Schmitt, que ‘representar’ também significa tornar visível e presente um ser invisível mediante um ser publicamente presente.”

Conforme Lacan, enquanto as palavras são ocasionais, o discurso, em rigor, é uma estrutura necessária à organização do psiquismo, produto da articulação da cadeia significante subjacente à relação existente entre um significante e outro. A palavra sendo dupla, dividida, opera um corte na indiferenciação mostrando insuficiência para garantir uma verdade na qual o sujeito possa sustentar-se. O conflito psíquico é efeito da hiância entre a palavra e a coisa apontando uma incompletude estrutural. O sujeito é sempre exterior ao seu discurso embora nele compareça; seu lugar é fora porque ele se faz e desfaz-se em sua falta de consistência. Processo esse resultante da inscrição do significante nome-do-pai (castração), efeito da operação.

3 DO DISCURSO CAPITALISTA

O sistema de produção capitalista, hoje, hegemônico, tem gerado uma sociabilidade regida pelo princípio de instrumentalização do outro e, sobretudo, por relações humanas mediadas por *gadgets*. Chemama (1997) diz a esse respeito que, entretanto, o desejo, sendo inconsciente, escapa a essa dinâmica, não pode ser controlado pela atitude calculista do custo-benefício. Dessa maneira, vê-se uma incompatibilidade estrutural entre capitalismo e Psicanálise; e buscamos, aqui, uma razão lógica para esta. Lacan escreve o discurso capitalista em que podemos observar uma diferença essencial, uma mutação do discurso do mestre. Nele não há disjunção entre o \$ e o objeto a, nem, tampouco, seta estabelecendo o laço social entre sujeitos e o intervalo da falta:



Aí ocorre a ruptura com o princípio da regulação pela castração e pelo recalque, explicada por Sgarioni (2013, p. 94):

Se o discurso do mestre se distingue pela posição de comando do significante S1, que ocupa o lugar de agente do discurso, dirigindo-se ao significante S2 para produzir um sujeito dividido frente ao seu objeto de desejo, no discurso capitalista encontramos uma ‘confusão’ entre as funções que os termos poderiam ter por ocuparem distintos lugares.

A crença, ou a ideologia, difundida no capitalismo, reforçada pela objetividade científica, em que escutamos os ecos do neopositivismo, é a de que o mercado garantiria todas as escolhas imagináveis e felicidade aos indivíduos, de acordo com suas fantasias. Tudo se passa na desconsideração ou no recalque da existência das duas alteridades: o Outro, lugar da organização dos discursos sociais, e o outro semelhante, ambos limitadores do gozo, que é a condição *sine qua non* da constituição do sujeito dividido e da vida em sociedade.

De acordo com Cathelineau (1997): “O imperativo de ter que produzir para um mercado é indissociável do imperativo de ter que gozar dos objetos produzidos consumindo-os.” (p. 100). O modo de endereçamento do discurso capitalista, isto é, sua estruturação discursiva, como demonstra Lacan, convoca-nos a ocupar uma dada posição subjetiva. Para ele funcionar, devemos aderir aos seus apelos imaginários, no lugar de onde ele nos interpela, que é o do objeto. Pois só na passividade, pode viabilizar-se uma servidão voluntária a seu arbítrio.

Diante desse contexto, o referido autor assinala, também, que a audácia do discurso psicanalítico seria demonstrar logicamente os efeitos, dessubjetivantes, da proclamação do direito individual, naturalizantes ao gozo sem freios. Certamente, não poderíamos negligenciar os efeitos perversores desse modelo de economia sobre os processos simbólicos. Nem tampouco esquecer que o gozo capitalista sustenta-se na face tirânica do supereu que não interdita. Dessa forma, ele não sendo espontâneo, torna-se um dever imposto, sob pressão da pulsão de morte e sua compulsão à repetição, associada à objetificação do sujeito.

O discurso do mestre transmutou-se, historicamente, em discurso capitalista pela via de uma inversão de lugares. Na posição de agente, emerge um sujeito em pretensa situação de onipotência. Identificado com a condição de indivíduo, de identidade unitária, implicando o desconhecimento da alteridade que nos constitui humanos. Nessa categoria se enquadram os *self made men*, construtores de grandes impérios pessoais, insistindo em recalcar o papel essencial dos muitos outros que os levaram até o topo onde conseguiram chegar.

Para a passagem do discurso capitalista ao discurso perverso, resta apenas um pequeno passo fundamental, que consiste em tratar os trabalhadores como peças substituíveis de uma engrenagem já funcionando, automaticamente, à revelia do seu agente também escravizado à própria compulsividade de produzir para consumo. Nesse processo, vislumbra-se uma tentativa de gerar produtos para sujeitos e também sujeitos para objetos transgredindo quaisquer limites da fantasia. Pois esta contempla a dialética da alienação-separação do outro mediador como alteridade que garante o desejo, verdade do sujeito, cuja condição psicológica irreduzível é uma carência do outro.

Cathelineau (1997, p. 105) explica esse mecanismo nos seguintes termos:

A passagem do discurso capitalista ao discurso perverso implica, portanto uma dupla torção, aquela que transforma $\frac{S_1}{S}$ em $\frac{S}{S_1}$. A primeira restabelece o mestre em seus 'direitos'. A segunda avilta um pouco mais o escravo moderno e o 'objetiva'.

O mercado, ocupando o lugar de S1, no discurso dominante, dissocia as teorias que o justificam, oficialmente, de suas práticas sociais concretas postas à prova pelas experiências cotidianas dos sujeitos. Sobretudo, quando se trata dos países do Terceiro Mundo, para os quais o desenvolvimento ainda é um mito, e onde seu impacto tem causado mais devastação. Assim, ele vem agindo como tirano pós-moderno, na sua voracidade de extrair lucros e tudo consumir, autodevorando-se, orientado para a pulsão de morte pela incidência de gozo que o caracteriza.

Isso nos leva a pensar sobre a urgência premente de restituir o papel do mestre no cenário ultraliberal, bem como refundar o lugar do político que caiu na deslegitimação. Badiou e Roudinesco (2012) travaram em praça pública, por meio da imprensa francesa, um diálogo a tal respeito:

Badiou: o mestre é aquele que ajuda o indivíduo a se tornar sujeito. Ou seja, admitindo-se que o sujeito surge na tensão entre o indivíduo e a universalidade, então é óbvio que o indivíduo necessita de uma mediação, e, portanto, de uma autoridade; a fim de progredir nesse caminho. A crise do mestre é uma consequência lógica da crise do sujeito, e a Psicanálise não escapou a ela.

Roudinesco: quando o mestre desaparece é substituído pelo chefe, por seu autoritarismo, e mais cedo ou mais tarde isso sempre termina em fascismo – infelizmente, a história o provou.

A função do mestre como impostor, no sentido lacaniano de “suposto saber”, destinado a cair enquanto tal, mostra-se essencial, pois é ela quem funda a subjetividade. Permite a transferência de afeto e torna o sujeito consciente de sua capacidade de libertar-se do seu estado de impotên-

cia psíquica, através de uma mediação, de acordo com Zizek (2015, 216): “Um verdadeiro mestre não é um agente da disciplina e da proibição. Sua mensagem é você pode!”

Só um verdadeiro mestre, comprometido com sua função mediadora entre sujeitos e o sistema econômico de exploração da mais-valia, como gozo a mais, pode mostrar-nos que é possível pensar para além do capitalismo, bem como do modelo neoliberal de hiperdemocracia que lhe é correspondente com suas ficções ideológicas no momento, que é de hegemonia e de crise concomitantemente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capitalismo, o primado da economia implica racionalidade, espírito de cálculo e individualismo orientado para uma desfiliação ao simbólico. A tendência das sociedades, agora, é instituir o dinheiro como Outro mediador, determinante das relações interpessoais. O mercado referenciado apenas a si mesmo só considera os valores materiais. Funda-se, então: a época pós-neurose e a categoria do homo economicus transformando coisas intangíveis, que não se vendem nem se compram, em mercadorias descartáveis como quaisquer outras, caso da identidade, da consciência, da ética e da política, para citar apenas algumas delas.

É próprio do dinheiro converter qualidade em quantidade, o substancial em relativo, destituindo as coisas de seus significados socioculturais, simbólicos, impactando, pela perda de sentido, violentamente na subjetividade. Por essa via, surgem as associações instrumentalizadoras entre as pessoas baseadas no interesse, de sempre lucrar algo por meio do outro. Qualquer relação humana passa a ser intermediada, obrigatoriamente, por um ganho, uma troca mercantil, seja ela qual for.

Nessa situação histórica, as maiorias despossuídas sentem-se isoladas, sem participação no que seria comum a todos, expropriadas de um lugar no mundo onde o sujeito deixa de ser um valor em si mesmo. Duas lógicas tornam-se evidentes: a do uso racional e impessoal do dinheiro, nos atos de comprar, investir, gastar, e a do seu uso irracional que convoca o olhar da Psicanálise. O dinheiro serve para satisfazer desejos e compensar perdas e frustrações tornadas, nesse contexto, intoleráveis. No âmbito desse segundo uso, surgem as compulsões e as adições escravizantes indicadoras da ausência de divisão subjetiva por uma falta estruturante.

A propósito dessa realidade, torna-se pertinente lembrarmos com Freud (1929/1995) os requisitos da causa de nossa humanização, que vão na contratendência dos ideais burgueses universalizados:

A vida em comum dos homens só se tornou possível quando está reunida uma maioria que é mais forte do que cada indivíduo e que guarda sua coesão frente a estes. O poder dessa comunidade se opõe, como 'direito', ao poder do indivíduo, que condenado com 'violência bruta'. Essa substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência consiste em que os membros da comunidade se limitem em sua possibilidade de satisfação ao passo que o indivíduo não conhecia tal limitação. (FREUD, (1929/1995, p. 38).

Por fim, consideramos que a teoria lacaniana dos discursos, por demonstrar a existência de um antagonismo de contraditórios entre o discurso capitalista e o psicanalítico, continua apta a nos fazer perceber o que sempre esteve lá na lógica do capital, revelando-se, agora, em estado manifesto no sujeito pós-moderno em vias de fragmentação. Pois este, imaginando-se liberado do outro, igual e rival, e do Outro absoluto, para se subjetivar, tem-se apegado à crença de ser autofundado, naturalmente!

Na crise de legitimação atual, do capitalismo, dois problemas sobressaem entre vários. Um deles consiste no sintoma da falta de desejo, pois, com a exclusão demencial do outro, quem restaria para desejarmos? Outro problema fundamental, que confronta a Psicanálise, é: no ponto de virada do discurso capitalista, impõe-se uma mutação subjetiva, por efeito do trânsito do simbólico, ao imaginário virtual que não enoda RSI. A respeito do estado de coisas gerado, arriscamos invocar Green (1985, p. 218-219) quando diz: “Esta neo-realidade – palavra que Freud emprega para designar o delírio – tem justamente o caráter de pretender se bastar a si mesma e ter uma importância igual à da realidade da qual é o produto da transformação.”

Em tais condições, o sentido da palavra “livre” – mantra da ideologia neoliberal – no momento histórico presente, passa a fundamentar-se na fascinação da ciência pela ficção de uma razão dada *a priori*. Não cessando de remeter a ideia de “liberdade” ao sentido de “não ligado” à lei do significante (da lógica e da sucessão temporal); esta nova racionalidade discursiva segue seu curso cortejando a morte em suas duas variantes física e psíquica.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain; ROUDINESCO, Elisabeth. Appel aux psychanalyst. **Le Nouvel Observateur**, Paris, April 19 2012. Disponível em: <http://tempsreel.nouvelobs.com/le-dossier-de-l-obs/20120418.OBS6476/faut-il-bruler-la-psychanalyse.html>
- BAKHTIN, Mikhail. A tipologia do discurso na prosa. In: LIMA, Luiz da Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. v. 1, p. 462-484.
- BOBBIO, Norberto. **Democracia e segredo**. São Paulo: Unesp, 2015.
- CATHELINÉAU, Pierre-Christophe. Liberalismo e moral sadiana. In: GOLDENBERG, Ricardo (Org.). **Goza!:** Capitalismo, globalização, psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 92-105.
- CHEMAMA, Roland. Um sujeito para o objeto. In: GOLDENBERG, Ricardo (Org.). **Goza!:** Capitalismo, globalização, psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 23-39.
- FERENCZI, Sandor. Sur l'ontogenèse de l'intérêt pour l'argent. In: BORNEMAN, Érnest. **Psychanalyse de l'argent:** Une recherche critique sur les theories psychanalytiques de l'argent. Paris: PUF, 1978. (Originalmente publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. **Malaise dans la culture**. Paris: PUF, 1995. (Publié à l'origine en 1929).
- GREEN, André. Literatura e psicanálise: A desligação. In: LIMA, Luiz da Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. v. 1, p. 218-219.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3:** As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: J. Zahar. 1985.
- _____. **O seminário, livro 17:** O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- _____. Radiofonia (1969-1970). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 400-447.
- _____. **O seminário, livro 19:** ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.
- SGARIONI, Matheus Minella. M. **Saber e objeto no discurso capitalista**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013.
- ZIZEK, Slavoj. **O absoluto frágil**. São Paulo: Boitempo, 2015.
-